

Brasília também sente efeitos da recessão

Rosenildo Ferreira

Considerada até pouco tempo como uma verdadeira Ilha da Fantasia, por ter passado incólume aos processos recessivos que afetaram o País nos últimos 20 anos, a economia brasiliense fechará 1991 com um triste balanço. Segundo dados da Federação das Indústrias de Brasília (Fibra), o nível de ociosidade chegou a 50 por cento em determinados setores. O quadro foi mais dramático para o setor de construção civil e a indústria gráfica, onde o presidente da entidade, Antônio Fábio, estima que a ociosidade atingiu 60 por cento.

Na avaliação do empresário o agravamento do quadro deveu-se ao achatamento salarial sofrido pelos funcionários públicos, a partir de 1990. Esta categoria, composta por cerca de 350 mil servidores — apenas na administração direta — responde por uma parcela expressiva do consumo de serviços e produtos fabricados pelas empresas locais.

No comércio a situação não foi diferente. De acordo com o Departamento Técnico da Associação Comercial o volume de vendas experimentou uma queda real (descontada a inflação) de 30 por cento somente em novembro, comparando-se com igual período de 1990. Se usarmos como parâmetro o ano de 1989, as vendas decrescem em 50 por cento.

Enxugamento - O presidente da Associação Comercial do DF,

Josezito Nascimento Andrade, explica que o recuo deveu-se ao enxugamento da economia, em função da venda dos apartamentos funcionais, além da política de juros elevados adotada pelo Governo, que acabou desestimulando o consumo, com o encarecimento do Crédito Direto ao Consumidor (CDC).

Outro indicador que demonstra as dificuldades enfrentadas pelo comércio brasiliense é a queda no volume físico das vendas dos bens duráveis (móveis e eletrodomésticos em geral). Segundo Josezito Andrade neste segmento foram comercializadas 70 mil unidades de janeiro a novembro deste ano, contra 94,3 mil durante os doze meses do ano passado, com recuo de 25,79 por cento. Esta relação é mais perversa se compararmos os números de 1991 com o montante vendido em 1989 (112 mil unidades), o que representa queda de 37,48 por cento.

Ao contrário do que ocorreu em outras capitais, o pique das vendas em dezembro não conseguiu reverter o quadro negativo. "Houve apenas um movimento de euforia no final do ano por conta do pagamento do 13º salário e do abono aprovado pelo Congresso", explica Antônio Fábio. A avaliação é compartilhada pelo presidente da Associação Comercial, que não acredita que este período tenha garantido a reversão das expectativas: "O consumo cresceu mas ficou limitado aos produtos de época (brin-

quedos, roupas, discos e artigos de alimentação)", lembra.

Falências — A economia brasiliense também não escapou aos efeitos da recessão que desencadeou uma onda de quebraqueira em vários segmentos. Prova disto é que os pedidos de falência ou concordata, registrados no Cartório de Distribuição, somaram nada menos que 187, entre janeiro e a primeira quinzena de dezembro. Este número representa um incremento de 835 por cento se compararmos com os doze meses de 1990, onde foram anotados pouco mais de 20 pedidos.

As consequências serão sentidas a partir de janeiro, segundo, Lázaro Marques, publicada num jornal da cidade. Ele estima que nada menos de sete mil comerciários poderão ser demitidos apenas no primeiro trimestre de 1992. Deste montante, ele acha que cerca de dois mil serão dispensados já no início do ano. Lázaro Marques lembra que esta é uma das únicas formas de os empresários enfrentarem a crise e o fraco desempenho das vendas que ocorre neste período.

Antônio Fábio diz ainda que a recessão teve efeitos "proporcionalmente mais graves em Brasília", já que a maioria das empresas instaladas na região são de pequeno e médio portes. "Os empresários brasilienses são basicamente consumidores de matérias-primas, produzidas por grupos oligopolizados e, por isto, têm pouco poder de barganha", avalia.

RONALDO DE OLIVEIRA



Maciel disse que o GDF será rigoroso contra os sonegadores